

IRÁ CARVALHO – Produtora Cultural

Produtora cultural, atualmente está à frente da Iris Produções. Realizou os primeiros shows internacionais em Salvador e produziu as primeiras turnês pelo Norte-Nordeste de artistas como Dorival Caymmi, Luiz Gonzaga, Caetano Veloso e outros.

1. Quem é Irá Carvalho? Como iniciou sua carreira como produtora cultural?

Bem, eu tenho 53 anos. Eu me considero uma produtora cultural e iniciei minha carreira há 30 anos. Eu e, na época, meu marido - que já trabalhava com produção - e uma amiga nossa que era bem relacionada com os artistas, a gente sentia, com relação ao mercado, que havia uma necessidade de fazer algo. A gente via acontecer alguns eventos e shows, mas era bem esporadicamente. No intuito mesmo, a gente resolveu: “vamos fazer um show”, e aí resolvemos fazer Marina Lima, foi o lançamento do “Fullgás” que foi o maior sucesso dela de carreira e venda de disco também. E aí, naquela época não tinha fax, não tinha celular, não tinha email não tinha nada disso. A gente ligou para Marcinha Alvarez (que na época era a empresária de Marina) e falou “Marcinha a gente quer fazer um show de Marina aqui” que no Rio era o maior sucesso. Aí fechamos o contrato, a data e ela mandou o contrato pelo correio, levou um tempo para chegar, a gente recebeu, assinou e mandou - e assim foi - a gente foi aprendendo com o tempo a fazer show, a fazer evento. Eu me considero assim mesmo uma representação, eu represento os artistas da mídia nacional aqui em Salvador, porque quando se fala em show não é festa, sempre sou eu que faço mais shows na Concha Acústica, shows no TCA, da linha pop, dentro da MPB, do Rock, do próprio pop Rock, eu tenho uma parceria com estes artistas, de fazer, produzir aqui os shows deles. Foi assim que se iniciou a minha carreira e estou aqui até hoje.

2. O que você entende por cultura?

Cultura é a forma de um povo viver, desde a sua religião, do que você come, de como você se veste, é o meio que o povo vive, a cultura é fruto daquele meio que o povo vive, do seu dia-a-dia, da sua forma de viver.

3. Como você avalia as políticas culturais e o mercado da cultura na Bahia hoje?

Eu vejo que a administração pública tem desenvolvido bastante coisa relacionada à cultura. Fazendo um balanço dos últimos 10 anos, eu vejo que avançou muito a questão da política pública com relação à cultura como um todo. A cada secretário de cultura que entra, a cada ministro de cultura que entra ele chega com ideias novas, com projetos novos, com decretos novos e isso atrasa um pouco aquilo que já vinha sendo desenvolvido por aquele que já estava. Claro que ideias novas são boas, cada ministro quando entra no Ministério da Cultura, ele já está acompanhando o quem tem ali naquele processo dando certo ou não, mas ele também tem que dá continuidade, eu acho que a gente tem falta de planejamento contínuo. Eu sinto isso no mercado. Falando especificamente de Salvador, aqui da Bahia, eu sinto que as políticas da administração pública têm que voltar mais para nossas manifestações culturais,

estão se perdendo. Esse ano eu acompanhei a lavagem do Bonfim e eu vi que tinham menos baianas acompanhando o cortejo, menos manifestações culturais. O povo tem que bancar do próprio bolso as entidades que vão, e cada dia menos tem tido apoio do governo público. O próprio Terno de Reis na Lapinha é uma coisa que está se acabando. Penso que a administração pública tem que voltar a enxergar a importância histórica, e não pode se perder. Temos que acompanhar a modernidade, o avanço, o futuro, as coisas novas que vem acontecendo, mas eu acho que o que sustenta a cultura de um povo é a sua história, o que vem de herança cultural.

4. Como surgiu e quais os principais projetos da Íris Produções?

Ao longo desses 30 anos de produção eu já passei por diversas empresas, tinha minha empresa com meu ex-marido que era a Shock Produções, por mais de 10 anos, não sei exatamente, trabalhando juntos fazendo produção. Teve uma época que eu trabalhava muito com o rock, pop e MPB, mas no boom do Axé Music isso deu uma caída, os shows deram uma diminuída de público, então eu tive que me readequar ao mercado, foi quando eu fui trabalhar com o cantor Netinho, trabalhei anos com Netinho. Depois trabalhei com a Banda Beijo, na formação da Banda Beijo com a Gilmelândia, trabalhei vários anos como produtora com esses dois artistas. Depois eu fui para a Maianga, que é uma produtora cultural, que tem uma sede em Angola, que atuou desde 2001 até 2010, acho que tem uns dois anos que deixou de existir, eu fiquei lá até 2008 e depois eu abri a Iris Produções. Nesse tempo eu trabalhei sempre com música, relacionado a produções artísticas, mas em 2008 que eu realmente fundei a Iris Produções e estou até hoje. Eu trabalho muito com produções artísticas, lançamento de CDs de artistas, lançamento de trabalhos novos. Em janeiro eu fiz o lançamento de Djavan na Concha Acústica com “Rua dos Amores” o mais novo trabalho dele. Eu me especializei nisso, quando os artistas falam “eu vou lançar um cd”, eu vou e faço um show no teatro. Durante o ano eu já tenho essa demanda, de artistas que eu faço esses lançamentos. Paralelo a isso, eu tenho procurado fazer alguns eventos que hoje se tornam festas que é o que o povo, o público quer, com duas ou três atrações. Eu faço normalmente no Bahia Café Hall, tem dois ou três anos que eu venho fazendo, que é um artista nacional com um local, aí eu faço sempre Maria Rita com Jau, Seu Jorge com Magary Lord, Nando Reis com Jau e agora eu vou fazer Seu Jorge e Filhos de Jorge. Então esse mês já temos Seu Jorge, já temos Nando Reis confirmado, tem mais Ana Carolina, Maria Rita, Lulu Santos, tem muitos. Esses artistas que são bilheteria certa eu procurei focar neles pra fazer isso. Paralelo a isso eu vou fazer Maria Gadú agora na Concha Acústica dia 10 de março. Eu vou fazer o lançamento do DVD de Jorge Vercilo dia 21 de abril, também na Concha, e, em maio, teremos o lançamento de Zélia Duncan que está com trabalho novo.

5. De que forma a Íris Produções está estruturada? Quais suas principais atividades e projetos? Quantos funcionários possuem e qual o perfil?

Eu tenho fixo, uma pessoa que funciona como minha secretária e como atendimento para tudo, tem o *boy* que dá suporte interno pra atender telefone e eu tenho pessoas que trabalham de show a show, que são produtores executivos. Tenho três produtores executivos que trabalham diretamente nos shows, no show tem uma pessoa que cuida diretamente do camarim que são pessoas terceirizadas. Tem uma assessoria de comunicação que é a Alcance Comunicação que trabalha a assessoria dos meus shows durante todo o ano. De show a show, tudo que vai acontecendo, tudo que vai acontecer, eles estão informados, eu passo tudo pra eles. Então, eu tenho uma estrutura bem pequena e como eu falei, são shows e eu terceirizo as pessoas pra cada evento. Agora eu tenho muita parceria também, eu faço muita parceria com outras empresas de produção, a gente divide de certa forma as funções relacionadas a cada evento, desde o operacional ao artista. Como eu fico mais com o artístico eu tenho minha equipe que trabalha pra desenvolver desde as passagens aéreas, da emissão das passagens, até o hotel; Tenho outra empresa que faz capitalização que também trabalha independente, porque não dá pra você inchar o seu quadro de funcionários pra você bancar aquilo, porque o show cultural não dá esse dinheiro todo. Eu tenho uma empresa que eu mantenho esses dois funcionários fixos, mais tudo que compreende essa empresa, desde impostos, telefone, internet, tudo é um custo alto.

6. A Íris Produções trabalha com agenciamento e produção de artistas? Quais as principais dificuldades na relação artista-produtor?

Hoje a principal dificuldade pra mim é quando eu vou contratar um artista, principalmente quando se trata de Bahia, com projeção Norte/Nordeste – eu falo muito isso para os empresários - que eles tem que discernimento de entender que quando você vai por Nordeste as coisas são menos fáceis do que lá no Sul, eles estão lá, eles fazem show entre Rio e São Paulo, a ponte aérea é mais fácil, a logística é mais fácil. Eu vou fazer o show de Seu Jorge agora e vou ter que trazer uma carreta para Salvador, entre ida e volta são quase 4 mil quilômetros de São Paulo e eu pago por quilômetro rodado R\$3,50 e, imagine, isso é só a carreta, dentro dessa carreta vem toda a parte de instrumentos, backline, e aí ele ainda traz um complemento de som e luz que ele só quer usar aquele, que aqui tem até. Então isso dificulta um pouco, a vaidade do artista, de querer aquilo daquela forma como ele quer. Outra dificuldade são os cachês, que às vezes são inviáveis. Eu, em função de ter uma relação e de fazer muito, hoje eu tenho certa facilidade em negociar, diminuir um pouco, mas as maiores dificuldades são essas.

7. É difícil ter/ser uma produtora cultural na Bahia?

É difícil. Eu acho que o mercado, principalmente Salvador que é uma cidade cultural, que respira cultura o tempo todo, na área de música, teatro, dança, conseguir apoio de empresas privadas, dos próprios órgãos de cultura, você tem uma dificuldade porque são muitas pessoas que batem na mesma porta, então é uma dificuldade. Eu sigo o meu caminho aqui assim: eu já tenho alguns parceiros que eu tento mantê-los para fazer a coisa acontecer. Um a cada três ou

quatro meses a gente consegue outro apoio, de certa forma através de um relacionamento. Mas, para manter uma agenda, assim, de dez shows que eu planejei agora, eu tive que ir para várias empresas privadas para tentar viabilizar patrocínio para todos, é difícil você conseguir. E o mercado aqui é voltado para o Carnaval. As grandes empresas que patrocinam os grandes eventos, o filão pretendido é o carnaval. Eu faço durante o ano shows que são bacanas e que são culturais, mas se eu tivesse no carnaval um produto que desse bom retorno para a iniciativa privada, porque pra eles o carnaval é a maior vitrine, eu teria mais facilidade de ter mais apoio. É difícil pra mim, eu sou uma pessoa que eu mantenho assim, eu gosto do que faço, tenho dificuldades, às vezes eu perco, às vezes eu ganho, às vezes empato, mas eu estou ali mantendo, não saio dessa minha área de fazer um tipo de show pra fazer uma coisa mais popular que eu sei que dá dinheiro mais fácil, mas eu procuro manter, mesmo ganhando menos, ganhando pouco, mas eu prefiro fazer dessa forma.

8. Como você percebe a questão da profissionalização na área da música? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?

O que eu vejo, principalmente na área de música, é que o mercado é bastante amplo, mas as pessoas que trabalham com ele são as pessoas que estão ali naquele ciclo, ou são parentes, ou são amigos ou são pessoas que vem se profissionalizando com a demanda de atuação de cada um, a partir da convivência. Eu acho que de certa forma é bom, é bom quando você tem um parente que precisa de emprego e você está ali e faz. Nesse meio, há bons profissionais, tem pessoas que são capazes. Mas também há pessoas que estão ali para cumprir o emprego porque é parente, é amigo, eu acho que falta essa visão de você ampliar o seu negócio.

9. Você já produziu grandes shows em Salvador. Qual sua avaliação sobre o que tem sido produzido hoje na Bahia em música? O que está acontecendo de interessante?

Eu acho que em termo de classificação, avaliando o ultimo ano, foi um ano razoável. Fora o axé, os artistas do axé que já são consolidados e que a gente já sabe o que eles vão fazer, já sabe que eles vêm a cada ano melhorando, tanto em nível de produção musical, seus CDs, como de espetáculo em si. Em se falando de novidade, eu gosto muito da Baiana System, que é uma coisa que já tem, que não nasceu agora, mas vem bacana, eu acho que isso tem um espaço bacana; tem a Márcia Castro, tem a Marcela Bellas... é nessa linha que eu vejo o que tem de forte aqui na Bahia.

10. Em sua opinião, quais os principais entraves para Salvador não sediar grandes shows internacionais?

O nosso principal problema com shows internacionais são os espaços que não tem, porque os dois shows internacionais grandes que tiveram aqui, eu estou falando em nível de grande público - eu fiz Stanley Jordan há muitos anos atrás, eu fiz Billy Paul, eu fiz A-ha nos anos 80 - foi no Centro de Convenções, na área do estacionamento quando ainda não tinha aquela construção, que hoje não existe mais aquela área aonde foi o show. Então foi um espaço que

foi possível fazer, apesar da gente ter que montar toda a infraestrutura. Então o principal problema hoje são os espaços, porque você montar uma infraestrutura para um show internacional, quando você não tem um espaço próprio já é 50% da demanda de investimento. Agora com a Arena Fonte Nova a gente vai ter um respaldo pra fazer, vai ter um fôlego.

11. Como você avalia os espaços culturais na Bahia? Quais as principais carências?

A Concha Acústica do Teatro Castro Alves é o melhor lugar que se tem para fazer shows. O Bahia Café é um espaço que foi adotado. É o ideal? Eu acho que ele passa a ser ideal a partir do momento que o público vai e frequenta, se tiverem outros, esses espaços também vão ser frequentados. A gente tem um grande problema em Salvador que é espaço. A Concha é bacana, eu acho que é o melhor lugar que tem aqui, só tem um problema, tem que começar até às 19hs por causa da vizinhança ali. Às vezes tem um show que você quer fazer às 22hs e não pode. A Arena Fonte Nova é um espaço. Eu fui fazer uma visita técnica, eles tem várias opções, não só o campo que pode atrair grandes shows, mas tem mais espaços internamente que podem receber outros shows, shows menores. Então eu acho que a gente vai solucionar parte dos nossos problemas.

12. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais? E em relação ao valor do ingresso em Salvador? E quanto à política de meia-entrada?

Eu acho que a gente tem o valor do ingresso de acordo com o poder aquisitivo do nosso povo, do nosso público, que é defasado sim, é abaixo da realidade sim, e se a gente cobrar mais caro o público não vai. Temos um problema sério aqui em Salvador que é a questão da carteira de estudante, que todo mundo tem, isso é uma realidade. Então eu acho que vai da consciênciade cada um. Eu jamais teria uma carteira de estudante falsa se eu não fosse estudante. Eu conheço pessoas que tem e não são estudantes. Então, isso é um grande problema que nós temos, eu acho que cada um teria que ter a consciência de que aquilo está prejudicando alguém. Quando a gente faz um show com um preço mais caro ou a inteira - porque só vende 80% de meia - na Concha é 80% de meia, algumas vezes até 85%. Então você está superfaturando a inteira que quem não tem carteira vai pagar aquele valor mais caro. Então, isso é uma questão cultural, que as pessoas têm que ter consciência de que isso está prejudicando e não é bom.

13. Como você avalia a organização da classe artística baiana? E em se tratando dos produtores culturais?

Nós não somos uma classe organizada, unida. A gente se encontra, se conhece, se fala, se relaciona bem, mas eu acho que falta uma organização, até para conseguir pleitear coisas perante aos órgãos públicos, para se fortalecer. Eu acho que nós não somos organizados. Falta um consenso, um diálogo para a gente ter uma associação de produtores culturais. Eu tenho pensado muito nessa questão, mas aí você vai mexer com egos, tem muito disso. Eu sou uma pessoa muito prática, eu gosto de resolver, se é pra fazer vamos fazer, se é em prol

do coletivo, se é bom pra todo mundo, eu topo. Mas nem todo mundo pensa assim, então você vai se desgastar. Eu sinto a necessidade de ter uma associação, de ter diálogo, de debater ideias. Até pra conseguir melhorias para o nosso mercado.

14. O que e/ou quem (projetos/espacos/instituicoes) voce destacaria em termos de gestao cultural na Bahia e por que?

Eu acho que a gente tem aqui um grande espaco que é o Castro Alves, que é um complexo do Castro Alves, que é o Teatro, a Concha e a Sala do Coro, que hoje Moacir Gramacho e Rose Lima são gestores, é um órgão público, que a cada quatro anos você vê pessoas novas envolvidas na gestão. Eu acho que eles são bem administrados em termos de gestão, eu gosto muito. Trabalho muito com eles lá. Fora isso, pessoas eu destacaria Fernando Guerreiro, que é um cara que está na área do teatro e que mantém essa coisa acesa aqui no teatro, é um cara que pensa bacana e que dirige bacana. Tem Lícia Fábio que é uma pessoa que atende a demanda do nosso mercado, que é uma promotor que produz de tudo, ela faz festa, ela faz casamentos e etc.

15. Na sua opiniao, quais os canais de comunicacao mais eficazes em Salvador para a divulgacao de eventos e projetos culturais?

A Rede Bahia é um número em paralelo. Além da Rede Bahia, há o *outdoor* que é uma mídia impressionante hoje. Eu ouço muito as pessoas dizerem “eu não vi outdoor do show”, mas é uma mídia que está ali, mais visível. Porque televisão, você às vezes está em casa e naquele horário que o comercial passa você não vê, mas se você passar todo dia naquele bairro, você ver o Outdoor. Agora a Rede Bahia é um grande apoiador, eu já sou parceira da rede desde o jornal, os sites – que é o Correio 24 horas e o Ibahia - eles estão ali presentes na cultura como um todo, não só na minha na minha área. Eu os vejo bem.

16. Qual a importancia da critica na area de cultura? Como voce avalia a critica na Bahia hoje?

Eu acho que a gente tem um diferencial que é Hagamenon Brito, em termo de crítico de música, da minha área que eu estou falando. Eu acho que ele é um cara que sabe o que fala, ele é bem embasado, ele é bem informado. Temos hoje o que muitas cidades não tem, então assim, a gente tem outros críticos de musica, outros pessoas que fazem o dia-a-dia acontecer. Eu estou falando de crítica, porque eu acho que crítica é aquela que polemiza que cria uma discussão. Eu vejo Hagamenon Brito como um cara que faz isso, eu acho que a Bahia está bem representada. No normal do dia-a-dia, em relação aos outros veículos, aos outros jornais, até o próprio Correio, tem outros críticos que atendem a demanda muito bem. Mas em termo de crítico eu acho que a gente está bem representado por Hagamenon.

17. O que você pensa sobre os editais e as leis de Incentivo como mecanismos de financiamento da cultura? A Íris já trabalhou ou trabalha com algum desses mecanismos?

Eu tenho feito muita parceria com projetos que são aprovados por leis de incentivo, porque o meu foco é produção artística, então eu basicamente faço a programação desses projetos. O que eu vejo de início é que a política pública está muito bem planejada, têm muitos editais bacanas, eu acho que a gente está bem servido de políticas públicas, de editais e leis de incentivo.

18. Em sua opinião, qual o papel da iniciativa privada no financiamento à cultura? Quais empresas têm investido mais na cena musical hoje na Bahia?

Fundamental a empresa privada para mim, para a produtora. A gente tem aqui no mercado as cervejarias, que são os principais apoiadores de shows e eventos. Por ser um estado com alto índice de consumo de cerveja, a Bahia, acredito que isso faz com que o mercado se dê dessa forma. A gente conseguia um valor no ano passado e hoje a gente consegue o dobro em função da concorrência, através das cervejarias. Eu acho que tem outras empresas grandes também que apoiam determinados eventos, não querem outros. Penso que deveríamos que melhorar isso através de empresas de captação, que fossem buscar essas empresas, mostrar pra elas o retorno pode ser igual como se a empresa estivesse apoiando uma atração no carnaval, em um bloco. Porque hoje tem muitas empresas que patrocinam blocos e camarotes e o próprio Carnaval em si, então eu acho que durante o ano essa empresa poderia ter uma visibilidade que alcançasse aquele mesmo resultado que naquele momento, com bem menos valor.

19. Como avalia a inserção de artistas iniciantes e/ou independentes, com menor apelo comercial, na cena cultural baiana?

Todo artista que está começando ele tem que aparecer, ele tem que fazer seu trabalho ser divulgado, ele tem que meter as caras mesmo. Eu vejo que o mercado aqui está muito aberto a isso. Eu vejo até que no mercado, a imprensa dá um apoio bacana pra essas pessoas que estão começando. O que acontece, particularmente com a gente, é que tem muito artista, cada dia você ouve falar de um nome novo, de um talento novo, então naturalmente uns são mais divulgados outros são menos, é a Bahia, né?

20. A Íris Produções também faz produção na área de teatro. Qual a sua avaliação sobre a cena teatral baiana? Quais as principais dificuldades e entraves para o teatro local?

Eu vou falar mais o que eu faço na área do teatro. Local eu não faço, porque não é o meu foco, não é o meu objetivo, até porque tem várias produções locais que fazem muito bem. Eu faço a *Companhia de Teatro Melhores do Mundo* que são de Brasília, faço há cinco anos aqui, todo ano eu faço dois espetáculos. Fiz *Chanel* com Marília Pêra, eu fiz poucos espetáculos de teatro porque na realidade, eu faço os meninos do CQC, faço comédia *stand-up*, porque é uma rede

de relacionamento em que um vai passando pro outro, e eu fui fazendo justamente por que os atores de *Os Melhores do Mundo*, eles foram me indicando pra esses meninos que fazem *stand-up*. Fiz outros espetáculos ao longo da minha carreira, espetáculos grandes inclusive, pois estavam relacionados também a empresas de eventos e shows musicais, que, automaticamente, como eu fiz esses shows aqui, fazia também esses espetáculos. Mas eu vejo também o mercado local muito bem. Eu acho que o mercado absorve bem o teatro, principalmente o teatro local, que é bem representado, tanto pelos produtores como por artistas mesmo.

***Entrevista realizada por Caroline Oliveira e Jordana Feitosa, dia 26 de fevereiro de 2013, na Rede Solo, em Salvador.**